

Ministério do Meio Ambiente
Secretaria de Biodiversidade e Florestas
Departamento de Conservação da Biodiversidade

Livro Vermelho

da Fauna Brasileira

Ameaçada de Extinção

Editores

Angelo Barbosa Monteiro Machado

Gláucia Moreira Drummond

Adriano Pereira Paglia

Biodiversidade 19
Brasília, DF - 2008

Equipe Executora**Ministério do Meio Ambiente**

Braulio Ferreira de Souza Dias
Daniela América Suárez de Oliveira
Júlio César Roma
Lidio Coradin

Coordenação Técnica Executiva

Breno Reis Versiani . Fundação Biodiversitas
Carlos Fellipe Mendes Mariz . Fundação Biodiversitas
Cássio Soares Martins . Fundação Biodiversitas
Olívia Bittencourt . Fundação Biodiversitas
Rafael Thiago do Carmo . Fundação Biodiversitas

Estagiárias

Amanda Alves dos Santos . Fundação Biodiversitas
Cláudia Márcia Almeida Rios . Fundação Biodiversitas

Projeto Gráfico

Carlos Weyne
Túlio Linhares

Revisão

Célia Arruda
Marise Muniz

Revisão Final

Carlos Fellipe Mendes Mariz . Fundação Biodiversitas
Rafael Thiago do Carmo . Fundação Biodiversitas

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

L762

Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção / editores Angelo Barbosa Monteiro Machado, Gláucia Moreira Drummond, Adriano Pereira Paglia. - 1.ed. - Brasília, DF : MMA; Belo Horizonte, MG : Fundação Biodiversitas, 2008.
2v. (1420 p.) : il. - (Biodiversidade ; 19)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7738-102-9

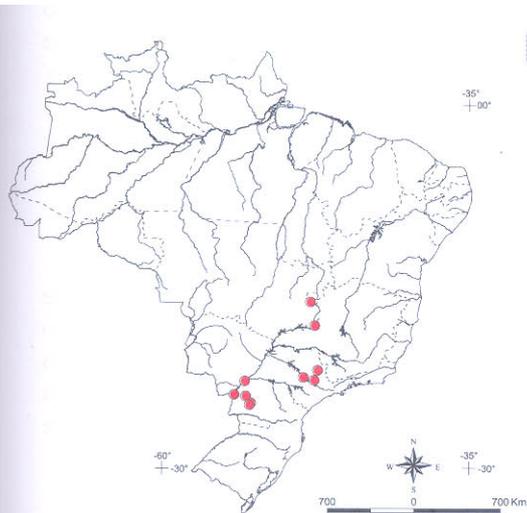
1. Espécies em extinção - Brasil. 2. Animais silvestres - Brasil. I. Machado, Angelo, 1934-. II. Drummond, Gláucia Moreira. III. Paglia, Adriano Pereira. IV. Brasil. Ministério do Meio Ambiente. V. Fundação Biodiversitas. VI. Série.

08-2571. CDD: 333.95420981
CDU: 330.524:504.74.052(81)

24.06.08 26.05.08

007330

Ministério do Meio Ambiente - MMA
Centro de Informação e Documentação Ambiental Luis Eduardo Magalhães - CID Ambiental
Esplanada dos Ministérios - Bloco B - Térreo - CEP 70068-900
Tel: +55 61 3317-1235 - Fax: +55 61 3317-1980



Myleus tiete (Eigenmann & Norris, 1900)

NOME POPULAR: Pacu-prata

SINONÍMIAS: *Myloplus asterias* (não Müller & Troschel);

Myloplus cf. *levis* (não Eigenmann & McAtee)

FILO: Chordata

CLASSE: Actinopterygii

ORDEM: Characiformes

FAMÍLIA: Characidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 05/04): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – A2ace**

INFORMAÇÕES GERAIS

Myleus tiete habita diferentes tipos de ambiente da bacia do rio Paraná, com preferência para rios de médio porte e com características lóticis. As amostragens nos últimos dez anos têm demonstrado sua maior abundância no trecho superior da bacia (rio Corumbá-Paranaíba). Sua dieta no rio Mogi-Guaçu foi documentada como consistindo de material vegetal, principalmente folhas (Godoy, 1975). No rio Corumbá (bacia do Paranaíba), sua dieta foi composta essencialmente por partes de plantas terrestres (99,8%), especialmente folhas, com baixa participação de insetos e algas. Uma dieta principalmente folívora foi também registrada na Guiana Francesa para as congêneres *M. ternetzi* e *M. rubripinnis*, enquanto que, na mesma região, *M. rhomboidalis* alimentou-se principalmente de frutos da estação das cheias e de plantas aquáticas na seca (Planquette *et al.*, 1996), similarmente a uma espécie não identificada de *Myleus* da bacia do rio Madeira (Goulding, 1980). Apresenta estratégia reprodutiva periódica (sensu Winemiller & Rose, 1992), com migrações reprodutivas moderadas. No rio Mogi-Guaçu, exemplares

marcados na cachoeira de Emas, entre os meses de outubro e janeiro, foram recapturados entre 70 a 120 km rio acima (Godoy, 1975). A reprodução ocorre entre agosto e fevereiro, na bacia do rio Paraná. Há evidências de pico reprodutivo nos meses de agosto a setembro no trecho superior da bacia (rio Corumbá) e dezembro a janeiro no alto (rio Piquiri). Na bacia do rio Corumbá, indivíduos com atividade reprodutiva intensa ou moderada foram registrados apenas em tributários menores, especialmente o rio do Peixe. No rio Mogi-Guaçu, o exame do desenvolvimento gonadal indicou exemplares em condição reprodutiva entre setembro e janeiro (Godoy, 1975). A fecundidade de uma fêmea de 29 cm foi de 7.000 ovócitos (Godoy, 1975). Comparado com grandes migradores da bacia, sua fecundidade é baixa e o diâmetro dos ovócitos é grande (Suzuki, H.I., com. pess.), fatos que sugerem uma estratégia reprodutiva marginal dentro da categoria periódica. Não há informações disponíveis da relação entre a idade e o tamanho. *Myleus tiete* é, entretanto, um pacu de médio porte, sendo que a maior fêmea registrada por Godoy (1975) no rio Mogi-Guaçu atingiu 32,5 cm de comprimento total e 690 g e o maior macho, 28 cm e 450 g. No rio Corumbá, estes comprimentos alcançaram 35,2 cm (1.130 g) e 33,5 cm (1.008 g), para machos e fêmeas, respectivamente. A relação entre o peso total (PT) e o comprimento total (CT) é dada pelas expressões $PT=0,0289 CT^2,951$ (machos) e $PT=0,0218 CT^3,049$ (fêmeas). Por ser esporádica nas capturas, a espécie apresentava pouca importância na pesca em sua área de ocorrência em rios brasileiros, fato já mencionado para os rios Piracicaba e Mogi-Guaçu (Monteiro, 1953; Godoy, 1975). Destaca-se ainda que *Myleus levis*, da bacia do rio Paraguai, foi considerada como sinônima de *M. tiete* por Gosline (1951) e Géry *et al.* (1987). Essa ação foi motivada, aparentemente, mais pela relativa proximidade das localidades de ambas as espécies nominais do que por um estudo comparativo envolvendo amostras dos rios Paraná e Paraguai. Dado o pouco conhecimento atual da taxonomia do grupo, essa sinonímia deve ser considerada duvidosa. Um exame preliminar do material depositado no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, incluindo exemplares da bacia do alto Paraná e do Paraguai, parece indicar que *M. levis* constitui de fato uma espécie distinta de *M. tiete*. *Metynnis cf. maculatus*, um pequeno Serrasalminae introduzido no alto Paraná e agora comum em muitas de suas represas, freqüentemente é identificado incorretamente como *M. tiete*, dando a falsa impressão de que esta espécie ainda seria comum na região.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

No passado, aparentemente distribuída originalmente por todo o sistema do alto Paraná. *Myleus tiete* aparentemente nunca foi um peixe comum (e.g., Godoy, 1975) e é hoje muito rara na bacia do alto Paraná, no Estado de São Paulo. A espécie tem sido encontrada com certa freqüência em tributários do rio Paraná, no Estado do Paraná, como o rio Piquiri e, mais raramente, na bacia do rio Tibagi (Shibatta *et al.*, 2002). Populações mais numerosas têm sido registradas na bacia do rio Paranaíba, especialmente em seus afluentes (Rio Corumbá, Estado de Goiás).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Ocorre no trecho do rio Paraná compreendido pelo PARNA de Ilha Grande, APA Federal das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná e PE do Ivinheima (MS). Também está presente no PE do Guartelá (PR).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Da mesma forma que para outros peixes reofílicos, os represamentos constituem a principal ameaça à existência dessa espécie. Muito mais que constituírem um obstáculo à migração rio acima na estação reprodutiva (e que pode ser parcialmente mitigado pela construção de escadas de peixes), as barragens modificam profundamente o regime dos rios aos quais os peixes reofílicos estão adaptados. Resultados de pesca experimental realizada em 42 reservatórios da bacia do rio Paraná (A. A. Agostinho, dados não publicados) demonstram que a espécie jamais é registrada nos trechos internos dos reservatórios. Sua bacia de maior ocorrência atualmente (rio Corumbá) está sendo submetida a represamentos em série, o que a coloca em alto risco de extinção. Dada a natureza de sua dieta, o desmatamento também deve ter contribuído significativamente para conduzir a espécie a seu presente status de ameaçada. Além disso, o fato de a espécie desovar em rios de médio a pequeno porte, torna-a especialmente susceptível aos efeitos da poluição, dada a maior fragilidade destes ambientes a cargas poluidoras.



ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

É necessário detectar sistemas hidrográficos em que a espécie ainda esteja presente, dentro da bacia do alto rio Paraná, que sejam relativamente íntegros, com baixo desenvolvimento hidrelétrico e passíveis de serem recuperados através de programas de reflorestamento e despoluição, de modo a garantir a persistência de populações naturais viáveis da espécie. Os segmentos superiores da bacia do rio Paraná, especialmente afluentes do rio Paranaíba e rios de médio porte como o Piquiri (ainda não represado) devem ser considerados prioritários na identificação das áreas críticas ao ciclo de vida da espécie (loais de desova e desenvolvimento inicial) e na mencionada restauração.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Pesquisadores do Nupélia/UEM têm estudado a ecologia e reprodução de *M. tiete*.

REFERÊNCIAS

181, 187, 192, 193, 297, 337, 397 e 466.

Autores: *Ângelo Agostinho, Flávio C. T. Lima, Volney Vono e Oscar Shibatta*